

*"Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias."
(Mario Vargas Llosa)
Arequipa-Peru,n.1936*

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Dini Keli Barro Leal (Autora)
Teresinha Oliveira Favero¹ (Orientador)

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar criticamente a música e a literatura infantil como instrumento de preconceito e mecanismos ilusórios de dominação que advêm de valores sócio-cultural-históricos. A aparente ingenuidade das cantigas e histórias infantis, por tratar os temas de uma forma lúdica, apresenta mecanismos ideológicos que mascaram os valores do discurso do texto. Usa-se da ideologia para se obter as mais variadas formas de dominação. Com este estudo, também, se pretende mostrar uma nova concepção da literatura infantil, discutir os contos de fadas e as histórias contemporâneas, bem como mostrar a importância do lúdico, no desenvolvimento social e psicológico da criança, por ser um valioso instrumento de aprendizagem para a formação de leitores.

Palavras-chave: ideologia; imaginação; músicas e histórias infantis.

Introdução

O foco deste artigo é fornecer dados sobre a importância dos contos de fadas e da musicalização na formação da criança, tendo como objetivo o estudo do imaginário infantil nos contos e nas cantigas infantis e sua importância. As crianças, por intermédio dos contos ou músicas infantis, buscam aproximar sua realidade e se descobrem enquanto sujeitos ao se identificarem ou não com seus heróis ou trama da história. O universo do imaginário permite às crianças uma nova maneira de olhar o mundo, que vai além da sua imaginação. Nessas

¹ Professor da 5ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

ocasiões, muitas vezes, nem tudo é um “conto de fadas”. No mundo existem, sim, pessoas más e acontecimentos inesperados, como alguns personagens da Literatura Infantil e histórias como: a maldade (a bruxa e o lobo), a madrasta (Cinderela), o abandono (João e Maria), o pai incestuoso (Pele-de-Asno), a mãe possessiva (Rapunzel), sentimentos de rejeição e preconceito (O patinho feio), a obediência (Marcha Soldado), entre outros. Por isso, é indispensável criar e fornecer à criança um mundo mágico para que possa, através do fantástico e do lúdico, ela mesma, recriar e desvendar as idéias que existem subjacentes às histórias infantis. Ao mesmo tempo, a criança estará se preparando para se tornar um leitor competente.

Além disso, se pretende questionar e analisar a aparente ingenuidade das idéias presentes nessas histórias, buscando um novo olhar para a ideologia que permeia os contos e músicas infantis. Contar histórias às crianças vai muito além de diversão, encantamento e imaginação.

A literatura infantil tem, muitas vezes, a finalidade de instruir e educar, permitindo às crianças interpretações com a finalidade de domesticá-las. Com base nisso, é preciso trabalhar a ideologia presente nos discursos com as crianças desde cedo, pois só assim teremos futuros leitores que irão desconstruir estereótipos e preconceitos presentes nos discursos ideológicos, bem como o que ouvem na rua, em casa, na escola e, principalmente, na mídia.

1. O imaginário nas músicas e contos infantis

A música e a literatura oral sempre fizeram parte da vida do homem, muito antes da escrita. Em um tempo remoto, o ofício de contar histórias era feito somente através da literatura oral, que desempenhava um papel preponderante para incitar a imaginação, a mímica, a memória, ou seja, a toda a arte de representar. Os narradores e a literatura primitiva salvaram do esquecimento uma grande parte de lendas, histórias, fábulas, canções e a própria história da humanidade. Nesse sentido, Meireles diz:

O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com vozes presas dentro de livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas. (MEIRELES, 1979, p. 42).

Quando a criança ouve uma música ou uma história bem contada, percebe-se o prazer e o encantamento pelo mundo da imaginação. Tanto a música quanto as histórias infantis são

capazes de comunicar sensações, valores, sentimentos e ideologias. Dessa forma, é importante trabalhar desde cedo essas histórias, sejam elas cantadas ou contadas, pois, quando a criança escuta uma história ou ouve uma música, ela é capaz de estabelecer relações, comentar, indagar e discutir sobre ela, bem como, de forma inconsciente, incorporar valores a elas. Se forem dadas oportunidades à criança, por meio das histórias e da musicalização, ela irá adquirir uma postura crítico-reflexiva, desenvolver a capacidade de concentração, de raciocínio e de memória, extremamente relevantes à sua formação cognitiva. Devemos dar à criança a oportunidade de viver a música e as histórias, seja imitando os sons, criando expressões corporais ou recriando sua imaginação por um mundo repleto de encantamento.

A capacidade de imaginar das crianças é mais intensa, por isso deve-se estimular o pensar para que se tornem adultos com senso crítico e saibam estabelecer relações entre as histórias e a sociedade. Entretanto, é preciso incitar essas crianças a um olhar crítico, seja ao analisar a letra de uma música ou história, seja relacionando-as com a realidade da sociedade e seu contexto histórico. É fundamental que o professor apresente aos alunos as mais variadas formas de expressão para que possam conhecer a pluralidade da linguagem, seja ela, oral, musical ou escrita, para que, então, a partir do gosto de ouvir, possam despertar para o gosto de ler. Por isso, o tesouro geral da humanidade é o convívio humano, tempos em que as famílias criavam um ambiente favorável à formação da criança, presente nas manifestações da Literatura infantil como nas canções de berço, no teatro, nas histórias que as avós contavam, nas festas populares, nos mitos, nas parlendas e nas cantigas com que as crianças se entretinham, muito antes da Literatura escrita. Nesse ponto, temos o início de um caminho de comunicação humana desde a infância, o que permitirá uma formação de ensinamentos direcionados para o pensar, a sociabilidade e a contribuição, sobretudo nos tempos de hoje, da influência da magia da narrativa para inspirar leitores e levá-los a imaginar, a desejar e a sonhar. A criança hoje dispõe de cinema, televisão, rádio, internet, mas, na maioria das vezes, tudo isso acontece ao redor dela sem que haja uma reflexão crítica, ou seja, uma reflexão sobre o seu significado, ou ainda, acerca de imagens, anúncios, músicas, ideologias, etc. Por isso, nos tempos atuais, a escola pode desempenhar um papel importante, oportunizando a discussão dos conteúdos das histórias lidas ou das músicas cantadas.

Por outro lado, utilizando o poder comunicativo e sugestivo da palavra, é necessário que o professor saiba selecionar textos infantis que ajudem no desenvolvimento crítico das crianças, possibilitando a formação de valores positivos para uma sociedade sadia. Também o professor não pode esquecer sua responsabilidade como formador inicial de leitores competentes.

São de suma importância para o desenvolvimento e construção da subjetividade da criança as heranças da ficção deixadas pelas narrativas tradicionais e centenárias, pois vivemos num mundo em que as imagens e as ilustrações substituíram a capacidade imaginativa e criadora da criança, bem como suscitar interpretações catastróficas, atualmente, marcadas por jogos e desenhos violentos. Hoje as imagens predominam sobre a fala. Por isso, se faz necessário sermos, também, contadores de histórias para que as crianças possam, a partir da ficção oral, se alimentar da fantasia e da possibilidade da, já tão rara, criação do seu imaginário. Nessa perspectiva Meireles diz:

E que não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje. Mitos, fabulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias... — tudo isso ocupa, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. Quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que a de hoje, sem os contadores de histórias e os espetáculos de então... (MEIRELES, 1979, p. 46).

A seguir será discutido o que se entende por ideologia e o lugar que ocupa na formação das crianças de hoje.

2. Ideologia e sua importância

A música e as histórias infantis estão sempre presentes no dia a dia das crianças, muitas vezes de forma mecânica e estereotipada, com o objetivo de formar hábitos e comportamentos. Entretanto, é importante ressaltar que a musicalização oferece à criança estímulos e experiências que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo e tocando), desenvolvendo a noção de esquema corporal, sensibilidade, imaginação, sociabilidade, concentração, atenção e afetividade.

Como todo texto é ideológico, é importante que pais e educadores tenham consciência dos valores subjacentes que carregam as histórias e músicas trazidas para a criança ouvir, ler e ou cantar. Nessa perspectiva, Voloshinov diz: “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas.” (1998, p. 107).

As crianças são fascinadas por um universo de mistérios. Segundo Corso e Linhtennstein “As crianças procuram o medo.” Ou, ainda, “ O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção[...]”. “É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte.”

Dessa forma, temos personagens, como por exemplo, bruxas, mal-feitores e madrastas, mostrando o lado perigoso e real da vida. Como podemos perceber, os contos de fadas tratam de problemas humanos universais, como por exemplo, medos, angústias, abandono, solidão, tristeza, relações humanas, entre outros.

O tema da morte ainda é pouco explorado, mas está presente no dia a dia das crianças, seja pelo falecimento de um avô, vizinho ou pelos acontecimentos do mundo como: guerras, epidemias, acidentes, atentados terroristas, tiroteios com a polícia, etc. A morte é vista e apresentada à criança através dos noticiários ou por comentários dos adultos. Dessa forma, Brait trata ideologia como:

Nesse sentido, a ideologia é o sistema sempre atual de representação da sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizando, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e durável de sua orientação social, resultado de interações sociais ininterruptas, em que a todo momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos. Se poderá então dizer: o Mundo sempre Novo, que dá na ressurreição plena de todos os sentidos. (2005, p. 176).

Temos que ajudar a criança leitora a ler nas entrelinhas. É necessário não reforçar os preconceitos e estereótipos. Devemos, por meio de autores como Lygia Bojunga Nunes, buscar momentos de ruptura, de transgressão em relação a discursos sócio-histórico-culturais estereotipados, como por exemplo, o desenho ou clássico de “Branca de Neve e os Sete Anões” datado de um momento histórico no qual a personagem é abordada como um ser frágil, dócil e desprotegido; por isso ela deve ser salva pelo príncipe.

A criança precisa, ao folhear um livro, gostar de ler, saber interpretar ilustrações e, principalmente, que perceba quando um texto é vazio. Por isso, o professor deve disponibilizar e apresentar à criança uma enorme gama de livros e autores para que, a partir da sua experiência e de suas vivências, possa escolher um livro sobre um assunto que goste e esteja interessada ou com o qual se identifique. Quem nunca acreditou na vinda do “Papai Noel” ou no “Coelho da Páscoa” ou ainda, em fadas e o poder da vara de condão, nos superpoderes do Super-Homem, na lâmpada mágica de Aladim e nos desejos que podem ser realizados? O importante para a criança é pensar, questionar, duvidar, imaginar, fantasiar, sentir, perceber discursos ideológicos, discordar ou não do que foi contado, ou seja, desenvolver todo um potencial crítico frente a autores, obras e sua abordagem. A Literatura infantil deve ser utilizada como instrumento para o professor a fim de incentivar a criança a expor suas idéias acerca do tema do texto e, a partir disso, poder analisar o mundo. Assim, os

contos, as histórias, as fábulas, as parlendas, as cantigas, as histórias em quadrinhos não são apenas registros históricos e culturais, mas veículos de manifestação, também, de ideologias. Por isso, a ideologia para Bakhtin e por membros do seu Círculo é vista na seguinte perspectiva “Logo se vê que não cabe a possibilidade de tratar a ideologia como falsa consciência, ou simplesmente como expressão de uma idéia, mas como expressão de uma tomada de posição determinada.” (BRAIT, 2005, p. 169).

Já o dicionário Aurélio apresenta a ideologia como:

Conjunto articulado de idéias, valores, opiniões, crenças... que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a determinado grupo social (classe, partido político, seita religiosa). Seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores. [...] Conjunto de idéias próprias de um grupo de uma época, e que traduzem uma situação histórica ideologia burguesa. (FERREIRA, 2004, p.1066).

Desse modo, podemos perceber que existem diferentes conceitos do que é ideologia num mundo de contradições, em que a construção da identidade se dá pela perspectiva sócio-histórica e pela prática discursiva heterogênea e contraditória. Nos últimos anos, houve mudanças dos padrões sociais e morais e com isso o advento da modernidade, hoje, pensar ideologia seria estabelecer uma inter-relação entre as identidades sociais e seus discursos acerca de expressões e posicionamentos.

3. Histórias infantis: o mundo do faz-de-conta

As crianças não são diferentes dos adultos quando utilizam da ficção, um instrumento que retrata os conflitos da vida, para solucionar suas vivências. Por essa razão, é ouvindo histórias que o homem, bem como a criança, irá buscar no apelo da ficção as semelhanças vividas por estes ficcionais. Nessas histórias, as crianças irão compreender os conflitos entre os indivíduos como: o amor e o ódio e o bem e o mal, entre outros. A criança pode se identificar com o bom herói e rejeitar o personagem mau. Ela irá escolher com quem quer se parecer, pois, para a criança, as pessoas são boas ou más. Poderá, também, aprender que as dificuldades são inevitáveis, mas que sempre haverá esperança e uma solução otimista para seus problemas existenciais.

A criança, à medida que cresce e se desenvolve, irá aprender passo a passo a compreender melhor os outros e a si mesma. A Literatura irá dar a criança uma contribuição significativa para a vida, pois possui recursos de que ela precisa para lidar com seus difíceis

problemas interiores e dos seres humanos em geral. Partindo desse fato, a criança necessita de uma “Literatura infantil” que acrescente algo de importante a sua vida e que não sejam histórias “ocas” e “superficiais” ou ainda, que levam ao desenvolvimento de valores e práticas não desejáveis. Sob estes aspectos, a criança necessita de histórias que possibilitem aprender mais sobre seus problemas interiores, sobre soluções corretas e como se entender nesse mundo complexo diante das condições da vida moderna. Nesse sentido, Bettelheim diz:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade- e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela e no seu futuro. (1980, p. 13)

A criança necessita de um mundo simbólico, pois seu pensamento permanece animista até a puberdade como elucidam as teorias de Piaget. No pensamento animista, a criança atribui a seres inanimados como: pedras, animais, vegetais, objetos e coisas as características do mundo animado, como por exemplo, os peixes que falam no desenho “Procurando Nemo” ou em “A Bela e a Fera” em que xícaras, talheres e utensílios, também ganham vida. As crianças, ao brincarem com objetos como talheres, xícaras, carrinhos, bonecos e animais de brinquedo, projetam neles suas experiências de mundo, permitindo a pais e educadores perceber melhor aspectos de sua identidade pessoal e processos emotivos interiores. A criança atribui a seus brinquedos, também, poderes mágicos, dando vida a eles. Por isso, uma criança irá acreditar nas histórias de conto de fadas, nas fábulas, nos mitos e nas lendas, pois seu pensamento animista permite que as coisas inanimadas façam sentido para a criança e despertem seu interesse como diz Bettelheim:

Se não entendemos o que as rochas, árvores e animais têm a nos dizer, a razão é que não estamos suficientemente afinados com eles. Para a criança que tenta entender o mundo parece razoável esperar respostas daqueles objetos que despertam sua curiosidade. E como a criança é egocêntrica, espera que o animal fale sobre coisas que são realmente significativas para ela, como fazem os animais nos contos de fadas, e da maneira como a própria criança fala com seus pertences ou animais de brinquedo. Uma criança está convencida de que o animal entende e sente como ela, mesmo que não mostre abertamente. (1980, p. 60)

As crianças de hoje, muitas vezes, não crescem mais dentro da segurança da família e numa sociedade bem integrada e sadia. O mundo moderno e as diferentes concepções de valores

fizeram com que muitas crianças cresçam em lares adotivos, abrigos, criadas somente por seus avós ou pai ou, sem a menor humanidade, largadas na lixeira. É importante para a criança moderna conviver com heróis que partiram para o mundo sozinhos, e que, apesar de muitas intempéries, encontraram um lugar seguro e pessoas boas. Histórias desse tipo convencem as crianças que, como elas, receberão ajuda quando necessário e que, ao fim, emergirão vitoriosas. Por essas mesmas razões, uma criança que não se ache segura e protegida, necessita acreditar em seres com poderes superiores, como por exemplo, fadas, anjo da guarda, super-homem e pessoas imaginárias. Os contos de fadas fornecem respostas às questões interiores das crianças, pois lhes falta, ainda, a compreensão abstrata dos fatos. O mundo para a criança é vivenciado subjetivamente, pois ela está vivenciando o difícil problema da identidade pessoal. Até o homem adulto necessita explicar o sentido da vida, como por exemplo: Como o mundo passou a existir? Há vida após a morte? Quem criou o mundo, a natureza e os animais? Por isso, muitas das histórias da Bíblia oferecerão ao homem, que acredita em poderes superiores, respostas as suas questões angustiantes. A Bíblia, para a imaginação do homem, é similar aos contos de fada para as crianças.

A seguir, serão analisadas algumas histórias e músicas infantis.

4. Histórias e músicas infantis: ideologias e conto de fadas

Durante muito tempo a Literatura infanto-juvenil foi vista como um simples recurso pedagógico e superficial, servindo de instrumento para o professor transmitir normas do mundo adulto, valores, e a “pedagogia do bom comportamento”, como por exemplo, na cantiga do “Marcha Soldado” em que as crianças, por trás da falsa e empolgante brincadeira, aprendem a serem obedientes e dóceis.

As músicas tradicionais infantis, de geração em geração, foram transmitidas sem mudanças, como por exemplo, “Atirei o pau no gato”, que hoje virou “Não atire o pau no gato”. Esse processo ocorre, também, com a música “O Cravo e a Rosa”, de Heitor Villa-Lobos. Isso ocorre devido a algumas das instituições de ensino, bem como a crença de alguns pais de que a briga entre o Cravo e a Rosa estimulam a violência entre o homem (o Cravo) e a mulher (a Rosa). Vejamos abaixo as músicas tradicionais infantis “O cravo e a Rosa”, “Atirei o pau no gato” e as novas versões dessas canções.

O Cravo e a Rosa

O Cravo brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada

O Cravo ficou ferido

E a Rosa despedaçada

O Cravo ficou doente

A Rosa foi visitar

O Cravo teve um desmaio

A Rosa pôs-se a chorar

Já na nova letra “O Cravo encontrou a Rosa debaixo de uma sacada, o Cravo ficou feliz e a Rosa ficou encantada.” Veja agora a versão antiga de “Atirei o pau no gato”.

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato (tô-tô)

Mas o gato (tô-tô)

Não morreu-reu-reu

Dona Chica-ca

Admorou-se-se

Do berrô, do berrô

Que o gato deu: Miau!

Na nova versão temos:

Não atire o pau no gato (tô-tô)

Porque isso (sso-sso)

Não se faz (faz-faz)

Ô gatinho (nho-nho)

É nosso amigo (go-go)

Não devemos maltratar os animais.

Jamais!

Para as crianças é indiferente ouvir “O Cravo brigou com a Rosa” ou “O Cravo encontrou a Rosa”, já que se divertirão com ambas. O importante para elas é que por meio da utilização de recursos lúdicos, como por exemplo, fantoches, musicalidade e dramatizações, as crianças possam desenvolver a conscientização sobre o assunto da letra da música. Será até empolgante e criativo que elas possam dramatizar e vivenciar ambas as versões da letra, tirando, assim, suas conclusões e interpretações diante da controvérsia do tema das músicas. As letras das canções folclóricas retratam a cultura de um povo. As crianças, ao brincarem com as canções, estarão convivendo com elementos de sua cultura. As músicas infantis mostram esse gosto especial das crianças pelos ritmos, pela musicalidade, pelas melodias, pelas onomatopéias, pelas aliteraões, recursos lúdicos que, integrados, organizam-se numa linguagem própria do mundo infantil.

Outra música infantil que gera polêmica é Samba Lelê. Veja a música tradicional Samba Lelê no trecho abaixo:

Samba Lelê

*Samba Lelê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Samba Lelê precisava
É de umas boas lambadas
Samba, samba, samba
O Lelê (bis)
Samba, samba, samba
O lalá (bis)*

A canção é condenada por incitar a violência contra a menina Lelê. Não é condenável utilizar a música com as crianças. O que se reprova é fazê-las repetir sem que haja conscientização do que a letra está pregando: uma menina que finge estar doente e que precisa apanhar.

Partindo da análise dos livros “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Cinderela” e “João e Maria” será estabelecido um paralelo das desigualdades e semelhanças, no que tange às ideologias e às características do conto de fadas, presentes em cada obra. Também, será feita a análise das obras “Reinações de Narizinho”, escrita por Monteiro Lobato e “Corda Bamba”, de Lygia Bojunga Nunes.

A obra *Branca de Neve e os Sete Anões* têm um contexto histórico e social que traz uma ideologia cercada de preconceitos e estereótipos da época em que a mulher, ainda, não havia ascendido profissionalmente, como no mundo moderno. Percebe-se que Branca de Neve é quem irá cuidar da casa e dos anões, como toda boa dona de casa e mulher do lar, da época medieval, e no, final da história, será salva da madrasta pelo príncipe. A criança não é o personagem principal e os acontecimentos são de uma época muito remota. Além disso, a criança não poderá achar uma solução para Branca de Neve, já que ela deve ser salva pelo príncipe, o provedor do lar. Também, percebemos que Branca de Neve é filha de uma rainha e a mãe gostaria que a filha fosse “branca como a neve”, um estereótipo de que reis e rainhas eram brancos, nunca negros; estes aparecem nessas histórias, somente como subalternos. Entretanto, a mesma história aborda o tema da morte, pois Branca de Neve perde a mãe, e a morte dela dá lugar à madrasta ou bruxa má, a nova rainha, que se casa com o rei. A madrasta tem com sua enteada uma relação de ciúme e inveja. Por não nutrir sentimentos de amor materno pela Branca de Neve, pela disputa do rei e por ser narcisista, a madrasta irá tornar a vida da menina cheia de problemas. O pai de Branca de Neve é alheio à filha e fraco perante a rainha. A criança espera dos pais a proteção necessária para sua sobrevivência. Por conseguinte, a vida de Branca de Neve fica em risco, mas o pai não enfrenta suas obrigações para com a filha, ela é obrigada a lutar por si mesma e aprender a se defender sozinha. Por

isso, a criança poderá fazer uma identificação não positiva com madrastas ou com o próprio pai, já que ambos a privam da sua proteção. Um aspecto positivo é que muitas crianças, ao ouvirem a história de Branca de Neve, poderão se identificar com a personagem, buscando a compreensão das relações familiares e a solução para a resolução dos conflitos. De qualquer modo, ao ler ou contar uma história à criança, o adulto deve discutir seu conteúdo com ela. Vejamos os trechos que seguem:

A criança em tais possibilidades precisa ser alimentada de modo a que a criança possa aceitar decepções sem ser totalmente derrotada; e além disso, pode-se tornar um desafio pensar com segurança numa existência fora da casa paterna. O exemplo do conto de fadas fornece o reassuramento de que a criança receberá ajuda nos seus empenhos no mundo exterior, e que um sucesso eventual recompensará seus esforços contínuos. (BETTELHEIM, 1980, p.90).

A criança intuitivamente compreende que, embora estas histórias sejam *irreais*, não são *falsas*; que ao mesmo tempo que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal; que os contos de fadas retratam de forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da aquisição de uma existência independente. (BETTELHEIM, 1980, p.90).

As crianças perguntam: “Isto é verdade?” “Ele é mau?” “Ele é bom?” Ou dizem: “Aquele sou eu e minha mãe”, (personagem de uma história), “Eu sou o super-homem”, “o leão”, “o dragão”, “a *Barbie*”, “a bruxa” “a princesa”, “o avião”, entre outros. Elas pensam diferente dos adultos, não de maneira ordenada, mas a fantasia é seu guia, isto é, brincam com as idéias. Na infância, as fantasias precisam ser nutridas para que as crianças possam enfrentar as adversidades da vida e lidar com seus próprios desejos e ansiedade.

A obra “Cinderela” é uma das histórias mais populares do conto de fadas. Cinderela, filha de um comerciante rico, perde a mãe, falecida, quando, ainda, é muito jovem. Seu pai casa-se novamente, então Cinderela, passa a viver com a madrasta malvada e suas duas filhas, que a transformam numa serviçal. Seu refúgio é no sótão da casa, onde pode conversar com seus únicos amigos, os animais da floresta. Certo dia é anunciado que o Rei irá fazer um baile no castelo para que o príncipe escolha sua esposa. No convite havia o aviso de que todas as moças deveriam comparecer, fossem pobres, feias ou bonitas. A madrasta, sabendo que Cinderela era a mais bela, disse a ela que não poderia comparecer ao baile, pois não tinha vestido apropriado para a ocasião. Entretanto, Cinderela, com a ajuda dos amigos da floresta, costurou um belo vestido, mas as irmãs rasgaram o vestido dela. Cinderela ficou muito triste, chorou e rezou muito. Por causa de suas orações e lamentação, surgiu uma Fada-Madrinha que providenciou um vestido, uma carruagem e um cocheiro. Porém, a Fada-Madrinha disse à

Cinderela que antes da meia-noite deveria estar em casa novamente ou toda a mágica se desfaria aos olhos de todos. O príncipe a viu e logo se apaixonou por ela. Acontece que soou a meia-noite e Cinderela teve que fugir às pressas, deixando seu sapatinho de cristal. O príncipe pegou o sapatinho de cristal e saiu em busca no reino e em outras cidades. Quando o príncipe bateu à porta da casa de Cinderela, a madrasta malvada a trancou no sótão, mas um ajudante do príncipe viu Cinderela à janela. Ele deu ordens à madrasta que deixasse Cinderela descer, então a moça experimentou o sapatinho, eles casaram-se e viveram felizes para sempre.

A personagem Cinderela representa o estereótipo feminino de mulher dócil, trabalhadora, bela e passiva. Todas essas, e muitas outras histórias levam à idéia de que a mulher é um ser passivo que depende do “príncipe encantado” para viver. Nos contos clássicos, a mulher passa do domínio do pai para o marido sem que jamais assuma o controle de seu destino. Já o homem é mostrado como um ser corajoso e nobre sem que se vejam nele os defeitos próprios do ser humano. Por isso, até hoje, existe o chamado “complexo de Cinderela”, que leva muitas mulheres a aguardarem pela vida toda o “príncipe” que às fará felizes para sempre. O companheiro real é, muitas vezes, rejeitado porque não corresponde aos valores idealizados que as histórias infantis ajudaram a construir. Dessa forma, Cinderela representa a imagem da mulher resignada e que vê no casamento a salvação da vida sofrida que levava.

A mais recente versão do conto de fadas Cinderela é apresentada pelo filme *Deu a louca na Cinderela*. Aqui temos uma menina de cabelos negros e curtos. Nessa perspectiva, a imagem da Cinderela é desconstruída, pois foge aos estereótipos de beleza da ideologia patriarcal da época, loira, branca e de olhos azuis. Ela, mais conhecida como Cinderela, é mais atuante, pois participa da história, tentando encontrar um meio de deter a madrasta. Entretanto, no decorrer da narrativa, percebe-se que a personagem do filme é semelhante à do conto de fadas, pois espera que o príncipe a ajude a salvar o mundo do faz-de-conta das mãos de Frieda, a madrasta. O filme *Deu a louca na Cinderela* é uma paródia, da qual temos uma resignificação do conto de fadas. O conto de fadas “Cinderela”, bem como o filme dialogam, na sua intertextualidade, com outras narrativas como: *Bela adormecida*, *Rapunzel e Branca de Neve*. Temos ao longo dessas narrativas o discurso patriarcal da época e o casamento como única salvação na vida da mulher. A versão atual de Cinderela no filme da *Disney* desconstrói estereótipos, mas, ao mesmo tempo, continua reforçando o estereótipo da dependência da mulher em relação ao homem, quando o único caminho para a mulher alcançar o “felizes para sempre” é o casamento. A vida das mulheres mudou muito, pois elas não precisam mais sair de casa no dorso do cavalo de um príncipe. Mas histórias como *Deu a louca na Cinderela* ou o filme *Uma linda mulher* continuam com a construção de um papel atribuído às mulheres de

uma época muito remota: a dependência em relação ao homem, um estereótipo feminino idealizado na fantasia masculina, que as histórias supracitadas ajudaram a construir. Dessa forma, esses discursos culturais presentes nas histórias infantis citadas acima podem afetar a construção subjetiva da criança, funcionando como educação moral a ser seguida. Além disso, a criança de um tempo atrás não é a mesma de hoje, pois busca a leitura dos livros ou desenhos de obras adaptadas para o cinema, como: *Harry Potter*, *O senhor dos anéis*, *Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho*, *A princesa e o sapo*, *Shrek*, entre outros. Nessas histórias há, personagens que desconstróem estereótipos e retratam o cotidiano social contemporâneo. Nessa perspectiva, se percebe a nova identificação das crianças frente aos heróis das histórias contemporâneas.

A obra “João e Maria” tem um cunho mais realista, pois os pais, que são pobres, discutem o futuro dos filhos. Os personagens João e Maria estão convencidos de que os pais planejam abandoná-los. A criança necessita desesperadamente dos pais, por isso acha significativo o começo da história. Nessa história, a criança, para obter a compreensão da obra, irá usar sua própria imaginação, pois a contação dos fatos permite que a criança a use, pois que é uma história carregada de símbolos. Temos, aqui, a abordagem do abandono das crianças, tema bem atual. A personagem Maria foge aos estereótipos da criança passiva e ingênua como temos em *Chapeuzinho Vermelho*, pois Maria consegue libertar seu irmão, jogando a bruxa no caldeirão, fugindo e encontrando o caminho de casa. Os irmãos João e Maria cooperam entre si num auxílio mútuo e vencem as dificuldades sozinhos. Essa cooperação orienta a criança a imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem a dependência dos pais. Dessa forma, esse tipo de conto transmite à criança a confiança necessária para que possa enfrentar os perigos reais de que tanto falam seus pais. Um aspecto a discutir nessa história é o fato de ser ou não verdadeiro que pais que amam seus filhos os abandonam numa floresta cheia de perigos.

Outra história que oferece à criança um amplo repertório de personagens, lugares, fantasias e sonhos é a obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. O elemento lúdico na obra de Monteiro Lobato aparece nas personagens, no fantástico, nos sons, nos aromas e nas aventuras que vivem. A obra *Reinações de Narizinho* marca o mundo encantado das crianças, já que bichos (Dona Aranha, O Burro Falante), legumes (Visconde de Sabugosa) e bonecas (Emília) falam e ganham vida, bem como uma série infinita de cenas e aventuras em que a realidade e a fantasia se misturam. Além disso, a menina Narizinho é retratada na história como uma criança questionadora, inteligente e curiosa como podemos perceber no trecho em que Narizinho fala:

— Dobre a língua, vovó! Escamado é príncipe. Se se tratasse aí dum peixe vulgar de lagoa, vá que vovó falasse. Mas o meu noivo é um grande príncipe das águas! — Mas não é criatura da nossa espécie, menina. — E que tem isso? A Emília, que é uma boneca, não se casou tão bem com Rabicó, que é leitão? Acho as suas idéias muito atrasadas, vovó... (MONTEIRO, 2004, p.82).

A boneca Emília é mais uma representação do mundo da criança, pois, ao engolir uma pílula falante dada pelo Dr. Caramujo, ganha vida. Ela representa a teimosia, a birra, a malcriação, a maldade ingênua e o individualismo infantil. Nessa perspectiva, veja o trecho abaixo em que Emília diz:

— Então não vou! — disse Emilia, emburrando. — Sua alma sua palma — respondeu secamente a menina, tirando-a do bolso. — Ninguém a obriga — e fez um gesto de a arremessar ao chão. Vendo que o negócio era sério, Emília armou cara de riso, muito desconcha-vada, e disse: — Estou brincando, boba!... (MONTEIRO, 2004, p. 111).

O livro todo é uma “caixa de surpresas” que apresenta um mundo maravilhoso onde tudo pode acontecer. Por isso, deve-se trabalhar a obra *Reinações de Narizinho* junto às crianças, pois o livro incita a imaginação, a fantasia, o lúdico, as reflexões e a criação artística acerca de toda a narrativa da história.

Já a obra “*Corda Bamba*”, de Lygia Bojunga Nunes inicia uma nova abordagem no campo do maravilhoso, pois o espaço imaginário passa a ser ocupado pela criança, personagem principal da história. Maria, filha de equilibristas e artista de circo, assistiu à morte dos pais durante um espetáculo, desde então, órfã, passa a ter como amigos a mulher Barbuda e Foguinho (engolidor de fogo). Mas, a avó rica e dominadora decide que deve cuidar da educação da neta. Já na casa da avó, Maria tem tudo o que necessita, exceto o principal: carinho, atenção, amor, compreensão. Maria, por se sentir presa, reprimida e na ausência dos sentimentos, começa a investigar o seu “eu” interior. Lygia Bojunga Nunes tece a história também como a de um conto de fadas, já que sua narrativa se organiza entre o real e o imaginário. Além disso, é possível observar outros elementos do conto de fadas em *Corda Bamba* como: a avó, que é a vilã causadora da infelicidade de Maria, faz aqui o papel da bruxa, o avô Pedro seria a fada, pois dá a Maria um talismã (a corda), o qual levará a neta ao passado. Também a própria Maria é retratada como um “herói” em busca da sua identidade. Percebem-se várias semelhanças com o conto de fadas na obra de Lygia Bojunga Nunes, até mesmo o final de *Corda Bamba*, por ter um final feliz com a resolução dos problemas, uma nova expectativa de futuro e realizações da personagem Maria. Nota-se, portanto, que o tema

abordado traz questões mais realistas e da atual sociedade como: desigualdades sociais (o pessoal do circo, cuja vida é difícil e a avó rica para quem o dinheiro compra tudo), a morte dos pais de Maria (órfã), questões trabalhistas (Foguinho tenta convencer Marcelo e Márcia para que não andem na corda bamba sem a rede embaixo). No diálogo entre os pais de Maria, percebemos a denúncia do trabalho sem proteção, de equilibristas que aceitam que retirem sua rede para não perderem o emprego: “- E eu topei. Tiraram a rede. Ficou arriscado. Mas tem gente que curte. – O quê? - Ver gente arriscando de morrer pra poder viver” (BOJUNGA, 1988, p.67). O tema da obra *Corda Bamba* mostra as contradições do momento histórico em que se vive uma sociedade de oprimidos e de opressores. Seus textos, apesar de serem da década de 70, abordam temas da atualidade, como violência, opressão, abandono, desigualdade social, entre outros.

Verifica-se, na obra de Lygia Bojunga Nunes que as relações familiares como a família democrática (os pais de Maria), a família autoritária (a avó), a busca pela liberdade e pela identidade (Maria), a morte dos pais, a capacidade de superar o medo e vencer os obstáculos por Maria, tudo, simboliza a vida conflitante de Maria e muita das relações vividas pelas crianças. Por isso, *Corda Bamba* é uma obra com a qual a criança, personagem principal da história, pode se identificar e viver o personagem de forma mais intensa e lúdica. A criança, como ouvinte ou leitor de *Corda Bamba*, pode se sentir fazendo parte da história.

Transformações sociais e ideológicas promoveram a ruptura desses valores e, com o advento da modernidade, nossas crianças passaram a se interessar por obras, desenhos e filmes com maior criatividade e assuntos que permeiam sua subjetividade. Com a emancipação e o reconhecimento do sujeito infantil, desde o fim do regime militar no Brasil, na década de 70, até a criação da ECA, nossas crianças, por meio de obras, passaram a discutir temas como: a morte, o preconceito, a miséria, as desigualdades e as injustiças. Essa ruptura originou e levou uma gama de autores, a produzirem estudos e obras acerca da criança, bem como questões fundamentais do mundo de hoje, passando a criança como protagonista das leituras contemporâneas. Entretanto, ainda há carência de estudos que trabalhem a subjetividade infantil em conjunto com a leitura e aspectos sociológicos. O professor também necessita um novo olhar frente às mudanças do mundo moderno e às necessidades internas das crianças, pois ainda temos profissionais que utilizam da Literatura infantil para reforçar a “pedagogia do bom comportamento”, a qual não irá desenvolver a consciência crítica de que precisam nossas crianças acerca de um mundo tão complexo em que vivemos hoje. Por isso, autoras como Lygia Bojunga Nunes, com sua inovação e inventividade, através de suas obras, pode operar e transformar a visão alienante, que muitas vezes, passam despercebidos pelos leitores-infantis em obras de cunho moralista,

desenvolvendo na criança a capacidade de consciência crítica. Porém, para isso, o professor deve promover leituras e debates a partir de obras “empíricas” para a criança, ou seja, obras como *Corda Bamba*, a qual parte da subjetividade da criança, seu conhecimento de mundo e suas experiências. A leitura para a criança deve ser prazerosa, lúdica e ter significação.

5. Aplicação: relato de experiência

A seguir será feito o relato da aplicação de uma experiência com cantigas infantis em que as crianças puderam, de forma lúdica, cantar e coreografá-las. A música *O Cravo e a Rosa* foi dramatizada pelos personagens Cravo e Rosa que encenaram a briga (anexo A e B), o choro da Rosa e o desmaio do Cravo (anexo C e D) e o coro, as demais crianças do círculo que cantavam a música (anexo E). As atividades foram desenvolvidas no jardim com crianças de faixa etária entre cinco e seis anos de idade. O faz-de-conta para a criança é uma maneira de compreender e representar o mundo. Por isso, após cantarem a música *O Cravo e a Rosa*, (anexo F e G) foi feita a dramatização da música para dar significação ao tema abordado na canção. As crianças que teatralizaram “O Cravo e a Rosa”, fantasiaram-se de flores, uma rosa e outra vermelha, cantaram e encenaram a música com os demais colegas em círculo. Eles adoraram, pois até discutiram quem será o vencedor na briga. Dessa forma, elas compreendem os personagens e as ações. Ao som da música e com as dramatizações as crianças desenvolvem a expressão corporal e a imaginação. A dramatização faz com que as crianças tenham um julgamento sobre a música e tirem suas próprias conclusões e interpretações sobre o texto. Após a encenação, foram feitos questionamentos acerca da briga entre o Cravo e a Rosa e eles responderam que não se deve brigar, pois o Cravo ficou ferido e até teve um desmaio. Percebe-se que a criança, quando faz uso da experiência e aprende de forma prazerosa, consegue compreender melhor o significado do tema da letra. Também, realizaram desenhos do Cravo e da Rosa, ver anexo (H, I e J).

É, portanto, através do lúdico que a Literatura infantil ganhará um sentido maior na vida das crianças, pois elas aprendem e compreendem o mundo ao seu redor brincando num mundo de sonhos e fantasias. Dessa forma, veja o trecho abaixo em que Lajolo diz:

A Literatura na escola, portanto, consumida com a mesma passividade com que se digerem figuras de geometria e regras gramaticais, habitua o aluno a uma atitude sempre passiva perante o texto. A distância, por assim dizer infinita, que medeia entre os textos de manuais e a vivência extra-escolar dos alunos se acentua ainda mais por serem os textos antológicos quase sempre de autores antigos e, de preferência mortos. (1982, p. 51).

A partir da constatação da importância dos contos de fadas e do mundo inanimado para a imaginação das crianças será, também, abordada uma das experiências vivenciadas ao contar histórias com fundo estritamente realista. Estávamos trabalhando com o Projeto Folclore e a lenda do *Negrinho do Pastoreio* foi apresentada a crianças de quatro anos de idade somente a partir da leitura do livro e com uma simples ilustração do personagem. As crianças extraíram alguma informação da lenda, como por exemplo, existem pessoas más. As histórias contadas sem o lúdico e a fantasia fornecem à criança alguma informação, mas não representam nada para elas, é superficial, pois ainda não abstraem as coisas de forma realista. Por outro lado, quando foi apresentada a elas a lenda do *Boitatá*, cobra que cospe fogo, com fantoche, brincadeiras, dramatizações. As crianças ficavam atentas e puderam entender a história.

Por isso, o educador não precisa ser um especialista nas diferentes necessidades das crianças, mas deve levar em conta o jogo de relações e vivências em que a criança se insere. Além disso, é importante que tenha uma grande sensibilidade e um olhar diferenciado para trabalhar as mais variadas formas da leitura, resultando num ambiente sensorial enriquecedor.

Considerações finais

O que se pretendeu mostrar nesse trabalho não foi uma mera crítica aos fazeres pedagógicos, mas levar os professores a repensarem suas práticas e principalmente terem um olhar mais crítico acerca da utilização da Literatura infanto-juvenil. Também se tentou trazer algumas contribuições para melhorar a utilização dos critérios e recursos de aprendizagem para que a leitura se torne significativa para as crianças. É nosso dever rever conceitos para que possamos construir com nossos alunos a consciência crítica, trabalhando com obras literárias que cerquem a realidade dos educandos sem esquecer o mundo da fantasia. Por isso, se faz necessário termos profissionais que contribuam com a qualidade da formação desses alunos, pois só assim teremos **futuros leitores críticos e conscientes**.

Por isso, muito dos problemas para interpretar e produzir textos, já na educação superior, não podem ser considerados só como incompetência dos alunos ou da educação básica. Muitas vezes o problema nasce com as primeiras “leituras” na primeira infância. Habitadas a repetir e só repetir, sem refletirem sobre os textos que ouvem e/ou cantam, as crianças acostumam-se a não pensar. Como leitores passivos, absorvem os valores desses textos, tornando-se cidadãos passivos e facilmente manipuláveis, numa sociedade onde o homem deve ser o ser

superior e a mulher um ser de segunda categoria, que precisa da tutela do “príncipe encantado” para se salvar.

Há um desafio permanente para o professor a fim de desenvolverem estratégias de leitura de forma prazerosa e significativa, mas também levando seus alunos a questionarem o que leem e, assim, preparando-os para a vida.

Temos uma gama de autores como: Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Maria Clara Machado, Monteiro Lobato, Mario Quintana, Ziraldo Alves Pinto, Cecília Meireles e até mesmo Os irmãos Grimm, entre outros. Graças a essas mentes brilhantes, temos como sonhar, imaginar, fantasiar e criar soluções para nossos impasses. Todos precisamos de fantasia, infantil ou adulta, pois a ficção supre os indivíduos de algo ou oferece estímulos para um pensamento mais crítico e reflexivo. As crianças, ao contrário, não devem crescer em um ambiente de histórias pobres, maniqueístas e apenas com finais felizes. Não que se deva privá-las de conhecer essas histórias, mas instrumentalizá-las para essas leituras. Elas são muito espertas, adoram brincadeiras com rimas, trava-línguas e trocadilhos, ferramentas vivas da Língua Portuguesa.

A linguagem comum aos pequenos também aparece na TV e em jogos, mas é preciso estarmos atentos a sua baixa qualidade, que podem fazer mal às crianças, pois esses produtos culturais ruins e inadequados trazem, muitas vezes, a violência como tema, tornando as crianças agressivas em seu comportamento cotidiano. As histórias narradas na TV dão à criança um mundo fantástico, porém não substituem a leitura e a contação de histórias, além de uma boa conversa e momentos de interação entre pessoas. Também é preciso ter cuidado com o conteúdo de certos desenhos e histórias, como por exemplo, o desenho divertido do herói Bem 10, que induz gratuitamente à violência do personagem, assim como os desenhos de Tom e Jerry, que, mesmo antigos, só pregavam a violência.

Devido à evolução do sistema capitalista, a indústria cultural dos desenhos para crianças serve, na maioria das vezes, como instrumento de divulgação da venda dos brinquedos, pois os desenhos animados contemporâneos, contrários aos clássicos Bambi e Dumbo, retratam personagens que lutam entre si, se batem, constantemente, e levam as crianças a imitá-los nas atitudes, roupas e objetos que possuem.

Dessa forma, para que a criança possa criar o hábito da leitura, é necessário que também seja oferecida aos profissionais da educação uma “real” estrutura para que o lúdico aconteça de forma efetiva. Essa estrutura se traduz em crianças bem nutridas, protegidas e com tempo para brincar, também bibliotecas bem equipadas para que o professor possa dispor de variados títulos e autores adequados às diversas idades. O Brasil tem escritores renomados

que criam histórias para crianças e um universo tão rico de suas obras. Se a Educação no país não der certo, o motivo é outro, e não por falta de bons escritores da nossa Literatura infantil.

O mundo mudou muito; as crianças de hoje são diferentes das de antigamente em muitos aspectos, mas em uma coisa elas continuam iguais: sempre haverá um público infantil ávido por boas histórias. É próprio do ser humano, mesmo no mundo adulto, gostar de narrativas e se identificar com suas personagens. Também o “mundo mágico” agrada a todas as idades. Portanto, a indústria cultural para a infância deve proporcionar uma boa qualidade de simbolização para as histórias contemporâneas a fim de suprir essa necessidade. “Os contos de fadas”, que não envelhecem, mesmo os que tiveram de se adaptar às exigências dos novos tempos, proporcionando às crianças resolver questões interiores, sempre terão espaço no universo infantil.

Cabe aos professores estarem preparados para saberem de que forma esse espaço será ocupado.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CORSO, Diana Linchtenstein. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- LAJOLO, Marisa Philbert. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na república velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1979.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Corda Bamba*. 11. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

ANEXOS

Anexo A



Anexo B



Anexo C



Anexo D



Anexo E



Anexo F



Anexo G



Anexo (H, I e J)